

Rezas | Maria Clara Santiago

Sob um azul e brilhante céu, no coração de uma cidade interiorana rodeada por florestas, a alegria era o motor que fazia o coração da garota de singeleza invejável pulsar. Cabelos belos, compridos, amarrados com uma fita vermelha de cetim e uma singela lembrança de caracóis, em seu balançar com o sopro sereno do vento. Seus olhos negros e encantadores transmitiam a alegria que sobrepujava e latejava no coração da jovem menina. A família acompanhava seu ritmo num descompasso traduzido em uma harmônica melodia que ressoava até a alma, num esboço de fé. Mesmo pequenina, já se viam traços de uma crença irrefutável e firme, transcendental, mas concreta que dela nasceria. Tão jovem, mas tão sedenta da atenção e das carícias da suprema divindade. Ansiava pelo eterno contentamento da fonte que jorra amor incondicional. A fonte da água que com apenas uma gota é capaz de saciar toda a humanidade, ou talvez milhões de infinitas e incontáveis gerações humanas.

Ventos fortes de sobrecarga lutavam contra a suave brisa de tranquilidade e esperança que rodeavam a garotinha. Naquele lugar, o povo enfrentava a constante tentação de viver aflições e maquiá-las com sorrisos; passos tensos que desejavam ser despreocupados e um constante desejo de parar o tique-taque do relógio. Ora, as 24 horas para essa gente grande, eram como segundos ou, em algumas ocasiões, até mesmo inúteis. Todo o tempo que possuíam era gasto com preocupações, necessidades, aflições e o medo do porvir.

A garota dos olhos brilhantes, porém, destacava-se pelo empenho em conservar o sentimento ardente da fé e o desejo de aprender com os anciãos como conquistar a maturidade no estado de espírito mais íntimo

e profundo do ser. Via naquele povo uma fé como casinhas de papel, a qual, com qualquer assopro, se derruba. E dentro da garota afluíavam questionamentos. Qual era a razão daquele povo viver de maneira superficial, se a vida pode ser rodeada de deleites e delícias? Em que se fundava a fé deles? De onde era oriunda a esperança dos anciãos? A vó Neca dizia à garota, enquanto balançava-se na rede, que cresceu vendo sua mãe com um brilho e uma alegria inexplicável quando terminava as rezas todas as seis horas da tarde, quando o sino da igreja tocava e só se ouviam sussurros de ave Maria. Contemplando tamanho contentamento, a vó Neca queria também sentir essa alegria e decidiu-se por seguir os passos da mãe. Com ela, aprendeu suas primeiras orações, às vezes um pouco desajeitadas, mas lembrava-se todos os dias do conselho de que o importante mesmo é rezar com o coração, pois Deus há de ver o amor e a dedicação, e assim, jamais deixaria de ouvi-la.

O avô Juca acariciava gentilmente a face da garota enquanto a mais nova questionava-lhe de onde tal firmeza e indubitabilidade no que acreditava era oriunda. O avô, num tom anedótico, revelou à neta a existência de um segredo magistral para alcançar tal conquista preciosa. Dizia também que quando era criança, seu pai revelou-lhe que a oração era uma conversa com Deus e que ele escutava com muito amor o que os pequeninos também lhe contavam. “Deus no céu coloca os anjos na Terra para ajudar a gente, minha filha. Se precisar de ajuda, chame-os sempre”, dizia o avô.

Seu Juca, homem muito sábio, sempre advertia a neta que, de fato, há uma importância sublime quanto ao conhecimento do mundo, mas também, é inegável que a possibilidade de explorar e desvendar os

milhares de universos e galáxias que existem no mais intrínseco do ser, é indescritível. Passear pelos bosques floridos do coração, e com a companhia de uma borboleta que por ali sobrevoa, conhecer o mais denso e belo riacho das memórias que habitam na mente.

Independentemente da idade, nunca é tarde para redescobrir-se, ou melhor, adentrar na profunda e desafiadora aventura do descobrir-se. Descobrir a si, sem limitações, sem moldes de outrem...Enfim, descobrir-se. Estar disposto a vivenciar a constante metamorfose que existe nas entrelinhas do viver. Descobrir a beleza da vida, os elementos que compõem o sentir de sua alma tão doce e leve. Entender a infinitude que há na contemplação do próprio ser, tão finito... Quanta beleza há na própria existência. Quanta sabedoria há nesse ensinamento do vô Juca.

E os ponteiros do relógio tiquetaquearam. A garota acompanhou o fluxo, cresceu. Mas cresceu sempre recordando-se da recomendação do avô, além do segredo que era preciso desvendar para alcançar a plenitude da fé. Já não podia mais questionar o ancião, pois este já havia cumprido sua missão na Terra e fora ajudar aos amigos anjos em outra esfera, mas a garotinha que acabara de desabrochar em uma bela rósea flor, tornara-se mulher, continuava a refletir e a tentar descobrir o que era necessário para alcançar uma fé como a da vó Neca e do vô Juca, os quais ela sempre observara carinhosamente.

E os questionamentos continuavam a germinar no peito, como girassóis no verão, azaleias no outono, ou como aquelas pequenas florezinhas que resistem às noites gélidas e dolorosas do inverno, e após tudo isso, desabrocham extraordinariamente. Flores, elas nos ensinam

muito. É invejável como persistem e em um gesto de força e exuberância, delineiam-se elegantemente e com tamanha formosura.

Tais pensamentos deram espaço para reflexões tão profundas quanto o vasto mar. E a garotinha, agora mulher, ao avistar o céu estrelado e tão belo em meio ao seu dia a dia, agora numa fase madura e permeada de preocupações, concluía que a vida vai muito além das percepções externas. Acontece que a vida vem de dentro. O mistério do viver reside aí. É preciso alcançar a docilidade e a ternura para contemplar o mundo e o espetáculo que a natureza, obra tão bem elaborada e perfeita, nos presenteia diariamente, incansavelmente. Fazer essa vida transbordar, contagiar. É preciso contemplar o mundo, não com os olhos da face, mas sim com os olhos do coração, ou além... com os olhos da alma. É preciso apreciar as almas doces que vagueiam nesse mundo com um ar de serenidade. Cativá-las! É preciso fazer-se simples para ver a beleza nos pequenos detalhes. Dobrar-se e tornar-se pequeno para assim ter revelado diante de si, o segredo da fé.

Ah! O segredo que há muito era desejado desvendar. E assim ela rememorava os ensinamentos do vô Juca, com sua pedagogia tão simples, mas tão rica, e as explicações sobre o verdadeiro sentido da fé. “Minha filha, por que as formiguinhas se doam tanto umas pelas outras?”, perguntava o avô. E a menina refletia... Fé. Palavra tão pequenina quanto o rastro das formiguinhas que lutam para buscar folhas e alimentar as outras companheiras no seu formigueiro. É verdade! Quanta fidelidade e amor existe em um formigueiro, não é mesmo? Cortar folhas, carregá-las, transportá-las...Ufa! Parece ser um ofício tão cansativo. Mas por quê? Na atitude das formiguinhas, talvez inconscientemente, reside uma oração. E

com isso, o avô deixava uma inesquecível lição: uma oração pode ser feita até mesmo através dos atos e é ela quem sustenta e enriquece uma comunidade. “Minha filha, nenhuma formiguinha pode soltar a mão da outra. Estão apoiadas umas nas outras, e todas em um só”, concluía o avô.

Mas, indo um pouco além, vejamos... Como é bonito dizer que pelo outro, você se dedicará, por meio da oração! Apenas pelo fato de estar determinado a fazer isso, já se configura ali uma prece. Guardar um coração contrito e devoto a alguém e demonstrar isso com orações também na prática, é sublime. Ora, dentro da oração, reside a ação. É preferível então gritar or(ações) verdadeiras, que saiam do campo do pedido, e se tornem testemunho vivo. Por que não gritamos assim nossos amores, nossas dores? Alguns acham que as Rezas não passam do campo espiritual, mas é aí que se enganam. Nada mais frutuoso do que uma súplica escutada e realizada pelo criador.

Lembrava-se também da dona Neca, e as histórias que esta contava sobre sua tão querida e saudosa avó, que já partira. Ela levava-a para a igreja aos domingos de manhã bem cedinho, ao tocar o sino. Recordava-se também de como ela dizia ser difícil tomar banho frio tão cedo, mas logo narrava a experiência de se aquecer e encontrar conforto no colo da tão amada avó. Uma senhora que só sabia amar, e em cada gesto seu, morava uma cantiga antiga de louvores ao criador. Esse acordar acompanhado de benditos, glórias, louvores e santos, recheavam e à vida da vó Neca, davam sabor. “Como seria bom se o povo que hoje se preocupa tanto com coisas passageiras, se apegasse ao que realmente importa...”, lembrava a moça dos pensamentos e anseios da anciã.

E após tanto pensar, tanto refletir, a menina-mulher percebeu que havia desfolhado o mal-me-quer que há no mundo, com muita coragem e em imensos devaneios e profundos pensamentos desde sua infância. E não, aquilo não era uma utopia como achavam as outras pessoas. Aquilo era, na verdade, a maior riqueza que o avô Juca e a vó Neca haviam deixado. A maior herança é poder ao passar dos dias, redescobrir o verdadeiro significado da fé, seguindo o legado dos mais velhos. Eis então o mistério sublime! E o desejo de ser tão pequenina quanto uma formiguinha em uma geração de gigantes que querem oprimir, não parece uma má opção. O desejo de ser como uma pequena formiga que passa despercebida, mas que cumpre sua missão com maestria e ainda deixa nesse mundo inspiração, como fizeram seus avós, eis a maior lição. O maior objetivo. Ser como uma pequena borboleta e fazer de si a melhor companhia que alguém pode ter na jornada da vida, em meio a tantos pesares. Jornada esta que pode ser dolorosa? De fato. Mas é aí que reside o verdadeiro sentido...Florescer. Em meio ao caos que assola o mundo, florescer. Ser o diferencial, como a água que sacia, como formiguinhas que ajudam e sustentam suas semelhantes, como as flores que à vida dão um cheiro agradável. Florescer. Flore(ser) em todas as rezas, glórias, suspiros, santos, benditos, venerações e sussurros de ave-maria nas horas santas, até que chegue o momento oportuno de comemorar a luz do novo dia que há de raiar.